

O CAOS e a Lama

Antônio
Canalizado por Fernando Ben



O Caos e a Lama

por *Fernando Ben*

Rio de Janeiro/RJ – 2023

IEFF

CATALOGAÇÃO PREPARADA NA
PRÓPRIA EDITORA

Ben, Fernando

O Caos e a Lama | Fernando Ben

Rio de Janeiro, RJ: IEFF, 2023, 84 páginas;
14x21 cm

978-65-85015-05-9 by IEFF

Título: O Caos e a Lama – Dezembro de 2023.
Publicado no Brasil Published in Brazil

Correção ortográfica: Rosana Andrade

Transcrição: Luísa Dutra

Elaboração de Perguntas: Indira Petit

Entrevista: Indira Petit

Arte da capa: Andrea Modesto

Miolo e edição: Adriana Monteiro

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	6
Prefácio.....	7
Prólogo.....	9
Introdução	12
Força Criadora	15
Culpa e consciência	17
Sociedade do Sucesso	19
Transformação e mansidão.....	22
Caos é amor	24
O céu é agora.....	27
Tudo emerge da lama	30
Flor de Lótus.....	35
Lama é consciência.....	36
Lama como construto	37
Aqui me faço	38
Parte 02	39
O caos e a Lama	41
Vemos apenas o que entendemos	50

O que é belo?	53
O ego é temporário	57
A respiração do Universo.....	59
Somos o desejo de continuar.....	63
Somos um	65
Forma e essência	70
Mentira Social	74
Perguntas de Fátima	76
Manipular seu caos	76
Mudar por si	78
Epílogo	80

Agradecimentos

Este livro não seria possível sem a dedicação e doação de Fernando Ben ao trabalho de realização e propagação da Filosofia de Fátima, mundo afora.

Agradecemos à espiritualidade que se doa para que possamos abrir nossas mentes e corações a novas ideias e colocá-las em prática no nosso dia a dia.

À Luísa, pela transcrição. À Rosana, pela revisão. À Adriana, pela diagramação. A todos os presentes, durante as psicofonias, que compuseram essa obra.

Por fim, agradeço especialmente a Seu Antônio, a consciência que inspirou a ideia deste livro, com suas mensagens e que me mostrou que não era nada do que eu pensava. Grata pela oportunidade.

Indira Petit

Prefácio

Seu Antônio é uma das consciências que se apresenta desde o início das atividades mediúnicas da Casa de Fátima. Com voz grave, rouca e iniciando as comunicações sempre com uma gargalhada, ele costumava se apresentar como Seu Veludo. Em determinado momento, passou a apresentar-se como Antônio. Aos que leram O Céu de Beatriz atentamente, Fátima fala que Antônio é um dos seres mais antigos da cidade de Santíssima, informação confirmada pelo próprio.

De falas simples e bem diretas, Antônio traz uma mensagem de transformação para quem tem ouvidos de ouvir e olhos de ver. Por tratar-se de uma mensagem psicofônica transcrita, não vem em linguagem formal, acadêmica ou algo do tipo, mas que a essência da mensagem seja o ponto de foco de quem lê essa obra.

Como todos os livros, distribuídos gratuitamente pela Filosofia de Fátima, que essas

palavras sirvam para estudo, análise, debate e para o surgimento de novas ideias para todos aqueles que as leiam.

Indira Petit

Prólogo

Louvido seja Deus e nosso Senhor Jesus Cristo.

Louvada seja a oportunidade de clarear a mente, aturdida e perdida nas ideias de agora.

Que essa singela obra seja o fulcro, seja aquilo que venha mais já compilado, bonitinho para aqueles que buscam sinceramente a luz de um pensamento mais amplo.

Às vezes, nós nos esforçamos para trazer as informações da maneira mais simples possível, mas as pessoas, elas teimam em seguir as ideologias mais abruptas, dolorosas, ossadas, rancorosas, na busca de justificar tudo que fazem agora, que o resultado seja justificado por uma palavra de ordem de guerra, de maldade, sabe? Por isso, muitas vezes, escuto entidades, incorporação mesmo, de médiuns atuais ou mais antigos, e aí escuto uma voz diferente, uma forma de falar diferente e associo que é uma coisa maléfica, diabólica.

Não obstante, na impossibilidade de a mente entender a essência daquilo que está sendo dito, descartam qualquer esforço de entender aquilo que aquele ser está trazendo de uma experiência de tanto sofrimento, tanta lapidação, tanta inquietação, tanto de tanto e tudo aquilo que foi alicerçado durante aquilo que lhe tenha a perspectiva de temporalidade.

Contudo, não temos a pretensão de atingir todas as pessoas, mas que aquelas que entendam a essência do que é falado, tanto por mim quanto pelo nosso irmão, que irá trazer as mensagens hoje, que as pessoas que buscam essas informações saibam que, durante muito daquilo que vocês concebem como tempo, almejamos a essa oportunidade de dizer da forma que queremos, sem o viés atravessado das ideologias dentro das religiões.

Em muitas religiões, os espíritos falam, mas com a linguagem da própria religião e não tínhamos a liberdade de poder falar do jeito que nós gostaríamos de falar.

Daí, mesmo que não seja entendido no momento, mas que essas informações possam chegar àqueles que buscam e trazer mais paz, mais força, mais coragem, mais desejo de continuar, mais vontade de continuar, mais lucidez nas relações, mais força de vontade no que se refere ao fazer o bem e a caridade, mais humildade e aceitação em alguns sofrimentos que não podem ser alterados.

É assim que nós vislumbramos o que todos enxergam hoje, nós enxergamos transformação.

Aluizio Fonseca

Introdução

Rogo ao Cordeiro que me dê serenidade na fala. Rogo à Santinha que me dê humildade nas ideias.

Aqui me faço.

A lama como é entendida é terra viscosa, mal compreendida. Entendida em sua essência como algo vergonhoso, como humilhação, como desgraça, como rebaixamento, mas a lama é o molde, como o barro, para a criação de tudo aquilo que a Força Criadora decide.

Eu sou lama. Lama porque estou em constante transformação. Eu sou lama porque não me vejo pronto no arcabouço cósmico da Força Criadora. Eu sou lama porque instituí a ambiguidade de não ser nem o fantoche do bem, nem o fantoche do mal. Eu sou lama porque não fecho o circuito de ideias limitadas que me propõem até o momento.

A lama é sempre atravessada também pelo racismo dos colonizadores. Pela cor

normalmente escura, é entrelaçada com a ideia de que os nossos irmãos, principalmente de origem africana, fossem considerados ao chão, ao campo da humilhação, que ao ler o pensamento colonizador, jamais deveria aceitar. Mas a Força Criadora deixou que, tudo aquilo que é mais belo, esplendoroso, glorioso, implacável e forte no universo, tivesse um aspecto da cor preta. Olha aí o céu. E as luzes que veem é aquilo que está em formação (ou a mãe) e brilham e todo o resto não podeis ver, tem criação, tem vida, tem rara beleza, assim como a lama. Assim como os subjugados. Assim como os humilhados.

Dito isso, quando exponho que ponho a mão na lama para trazermos rosas, flores, lírios e a beleza que você acha que é belo, que você se acostumou sendo belo. Eu digo não que coloco minha mão no sujo para te mostrar o limpo, mas que coloco a mão no que já é transformação real, puro burilamento, para te mostrar apenas o que você quer ver. E o que você quer ver não é a luz, é o que te ensinaram a ver como bom, como belo,

como branco, como claro, como elemento do
que é iluminação. Eu sou lama e tu, o que ainda
é?

Força Criadora

Indira: Em uma comunicação anterior, o senhor trouxe a fala: "eu busco Deus na lama". O senhor pode falar um pouco mais sobre isso?

Antônio: Deus é a ideia de um ser único criador de todo universo. A nossa Santinha outorgou a ideia de Força Criadora. Me parece mais ampla, acertada, mas que merece, com o tempo humano, mais esclarecimentos sobre esse pensamento embrionário que ela nos propõe.

Se há uma Força Criadora em constante ampliação, há, por isso mesmo, uma constante transformação. O que há, por isso mesmo, um burilamento constante. Para mim, a lama é esse elemento. Não a lama só que é vista pelos homens na Terra, mas tudo aqui que se precisa ser simples, às vezes, mal visto para que seja a base de algo necessário. Eu busco a Força Criadora na lama, porque se é uma Força em expansão e criação, é também lama, na minha visão, por ser a transformação de todas as coisas.

Ainda há que ser dito que a Força Criadora compreendida até agora é uma visão muito curta. Acreditamos que em breve perceberão que o Universo que conheces é uma esfera que emerge e que nos engole. Uma se inicia, a outra se encerra e muitas outras formam uma constelação constante de criação, cocriação, recriação e dimensionamento.

Comentário: Fátima apresenta o conceito de Força Criadora para expandir nossa concepção de Deus como uma figura de semelhança humana e que tudo governa. A Força Criadora não tem forma, não tem imagem, não tem desejos de vingança ou de punição, como algumas alegorias religiosas da figura de Deus ou deuses. A Força Criadora é.

Culpa e Consciência

Indira: Em outra comunicação, o senhor falou assim: "quando nós falamos do Cordeiro, temos que entender que nós somos lama. Não é lama de ruim, é lama de culpa." O senhor pode falar sobre essa lama de culpa?

Antônio: Claro. Lama como transformação é transformação de consciência também. Nós compreendemos o Cordeiro de uma forma história equivocada. O que hoje é difundido como Cristianismo era entendido como seita após a morte física do Cordeiro e a propagação das informações, centenas e centenas de anos duraram até se configurar uma religião. Logo, nos instituíram com o Cordeiro a ideia de culpa, porque culpa, para mim, é controle.

Quando instituo a ideia de culpabilidade aos seres, eu limito os seres a se tornarem responsáveis pela morte do Cordeiro, que eles sequer têm responsabilidade. Quando culpo as pessoas, eu tiro a possibilidade delas se olharem,

se perceberem, no contexto que estão. Quando eu olho para lama, eu vejo a culpa, porque há transformação de consciência, através da perspectiva de temporalidade humana para sair desse ciclo vicioso, entre culpa, falsa ideia de restauração, de permanência na perspectiva de erro. Só há liberdade real quando a consciência que fala e um ser culpado não têm consciência, cumpre demandas, não cumpre as escolhas possíveis.

Comentário: Quando atribuímos à morte de Jesus a responsabilidade de limpar todos os pecados da humanidade, culpamos todos os cristãos pela morte de seu salvador. Aliás, a própria ideia de pecado e de nascermos já fruto de um pecado original, é uma forma de controle, de garantir que o ser se sinta culpado apenas por existir. Ora, que Deus é esse que punirá até uma criança recém-nascida antes de receber o rito do batismo?

Sociedade do Sucesso

Indira: Em outra comunicação, o senhor diz assim: "alguém tem que pôr a mão na lama". O senhor pode falar mais sobre isso?

Antônio: A sociedade foi construída na ideia de que há sucesso, de que todos teremos sucesso e nós nascemos para o sucesso, de que a vocação natural de todos os seres é o sucesso. Esperam aplausos, esperam o bater das palmas para suas conquistas, esperam que o mundo os reconheça, esperam que haja burburinhos satisfatórios a seu respeito. E quem espera o sucesso não põe a mão na lama. Não põe a mão na transformação, não põe a mão no barro.

Quem espera o sucesso tenta driblar, pular as pedras, pular os percalços, pular os caminhos, desviar das situações mais difíceis para obter o reconhecimento. Quem põe a mão na lama só cumpre o que precisa ser feito para o início do que se precisa.

Deixo ainda uma ideia complementando essa fala anterior: que maravilhoso seria se todos pudessem pôr a mão na lama conosco.

Comentário: Existe uma teoria chamada “Teologia da Prosperidade” que tomou força nos movimentos cristãos atuais. A promessa é que se a pessoa tiver fé em Deus e cumprir seus mandamentos, ela terá prosperidade material/financeira garantida. É como se houvesse um contrato entre Deus e o homem, quase como uma negociata divina, em que Deus dará bens materiais àquele que lhe for fiel. Qualquer sofrimento humano seria resultado de ausência de fé, inclusive doenças físicas e mentais.

Deixo aqui o questionamento, de que grande mal fizeram àqueles que não têm lar, que passam fome, que são vítimas de um sistema que os mantêm sempre à margem da sociedade. Seria fé o suficiente para tirar um homem das ruas? O suficiente para alimentar uma família que não consegue seu sustento? Que Deus é esse que

precisa de algo em troca para fazer o bem? A que
interesses Ele serve?

Transformação e Mansidão

Indira: O senhor traz uma fala na energia de transformação, que pode ser assustadora para as pessoas que estão acostumadas com a mansidão das falas da professora Fátima ou de Seu Aluízio. Fiquei pensando que a transformação antecede a mansidão. O senhor pode me clarear sobre isso?

Antônio: Claro. Tudo é uma coisa só. Para uns, a mansidão é a tentativa de cumprir a demanda do que se entende como luz, como iluminação. E a lama, a voz grave que trago, a dureza em algumas palavras, a dinâmica e performance do que seria composto como a ideia de mal para as pessoas, principalmente nas religiões. Isso não necessariamente antecede a mansidão, mas talvez seja o início e a volta de tudo. Enquanto a mansidão é uma forma de apaziguar os egos inchados, inflados, da maioria que escuta, não compara e não percebe a simplicidade de tudo aquilo que estamos imersos.

Talvez tudo seja só um, minha senhora. Talvez eu seja a quem eu homenageio¹ [risos]. Talvez eu seja um, o início. Talvez eu seja o fim. Talvez eu seja a luz que oram nas igrejas. Talvez eu seja a mente enferma nos hospitais psiquiátricos. Talvez eu seja as mãos com os pregos. Talvez, minha filha, eu seja o demônio que elas falam. Talvez transformar-se e glorificar-se, mansidão e treva sejam uma coisa só.

Comentário: É fato que, nas correntes espiritualistas, a performance da mansidão é como nos ensinaram a identificar as consciências mais evoluídas. Uma voz suave é sinônimo de luz, de tranquilidade, transmite paz. A voz grossa e as palavras duras inquietam, portanto devem ser sinal de um ser das trevas. É pelo conteúdo e não pela forma que identificamos uma mensagem que ajuda, que transforma, que nos faz querer ser melhor.

¹ Aqui, Antônio começa a fazer a psicofonia com a voz grave e gutural que lhe é peculiar

Caos é Amor

Indira: Em um dos dias que o senhor trouxe a comunicação sobre a flor e a lama, a Professora Fátima veio logo em seguida e falava assim:

"Nós somos um só. Os homens que se limitam e se segregam. Não há do lado de vocês nada que não seja amor. O amor é a Força Criadora de todo o Universo. Deus é caos e caos é amor."

O senhor pode me falar se o amor é lama?

Antônio: Claro. A lama é o amor. Não existe força mais transformadora que o amor. Nós ainda não sabemos o que é o amor. Às vezes, nas religiões, criam Deus. O Deus que cria os homens que amam outros homens, outras mulheres, que amam amores humanos, mas as religiões condenam aquilo que Deus criou. Deus criou os índios, mas há religiões que queriam forçar, a toda força, mudanças de atos religiosos que os índios concebiam.

A lama é puro caos, porque no fundo as pessoas precisam se organizar em uma ideia falsa de luz para não se sentirem aquilo que mais temem e que são parte do caos. A aceitação que também somos caos nos traz o clareamento das ideias.

Caos não é guerra. Guerra é estupidez. Caos é transformação, assim como a lama que vejo, assim como tudo que enxergo. O amor é a mais pura transformação. Aquela ou aquele que crê, que vê algo e não mudará as suas ideias não está imerso na transformação. A Força Criadora é pura transformação.

Comentário: É importante deixarmos ainda mais clara a mensagem de seu Antônio – Deus, ou a Força Criadora, fez o ser humano para amar, ainda que dentro das limitações das possibilidades humanas. O amor em todas as suas formas é manifestação de Deus e nunca condenável. Se um homem ama outro homem, se uma mulher ama outra mulher, se um ser ama

outro ser, o seu amor é a manifestação da força divina.

Ainda assim, o amor romântico é distante ainda do que seria o amor do qual Fátima fala. Ainda amamos com desejo de controle, de posse, de realização de nossos desejos, de preenchimento de um vazio que apenas nós mesmos podemos preencher.

Aceitar que somos caos, distante do que acreditamos, é ter a paz de reconhecer que vivemos em constante transformação. É abrir-nos sempre para novas ideias, desfazer-nos dos velhos conceitos e nos permitir viver sem verdades absolutas.

O Céu é Agora

Indira: Em outra comunicação, o senhor disse "Eu não vim trazer nada de novo. Eu só vim tirar a lama para você ver o sol." O senhor pode falar um pouco mais sobre isso?

Antônio: A fala do Cordeiro é a fala da humildade. É a fala de desapropriar-se da ideia de que somos escravos uns dos outros. É a fala de que não precisa ter senhores e não precisamos nos submeter aos pensamentos que nos limitam. É a fala de deixar todos à exposição e à possibilidade de suas próprias formas. A fala da união, do esforço mútuo, do esforço comunitário, do esforço igualitário, do esforço para que as pessoas sejam abençoadas, curadas, aliviadas de suas dores. O esforço de tirar a ideia de que elas estão sozinhas nesse mundo, porque, na época, com tantos seres acima delas, em um local, os deuses, trazer o pensamento de um Deus seria mais tranquilizador ao longo da temporalidade. Mas com desejo de apenas

sobreviver e aniquilar os que acreditavam ser mais fracos.

A luz de que o mundo consegue ser luz pelas ideias mais simples foi sendo tamponada pelo desejo de poder, dominação, riqueza, apropriação indébita e atos que não são de humanidade. Retirar a lama na ideia de transformação que foi dada, tinha uma ideia de evolução, que é um pensamento equivocado, porque nós não estamos subindo para os céus. O céu, o inferno, o purgatório é agora, é aqui, é frequência. Tudo está ocorrendo. Por isso a evolução não é para cima, é na transformação.

Eu retiro a ideia de transformação que fizeram e trago esta lama nova, que não é nova. A mesma lama que o Cordeiro usava para compor as suas parábolas e seus quadros de bênçãos e busca de esclarecimentos.

Comentário: A ideia originária do Cristianismo Primitivo é simples – igualdade e amor. Amar a nossos irmãos sem distinção nenhuma e amar a Deus, que só podemos

encontrar uns nos outros, nessa ajuda mútua, nesse desejo sincero pelo bem-estar coletivo e individual. Parece simples, mas é uma ideia radical, e que foi transformada para atender os desejos daqueles que estavam no poder e desejavam manter-se assim. Assim construíram-se religiões sem a participação de mulheres, negros e todos aqueles à margem da sociedade. Assim tentaram subjugar os povos originários e convertê-los a um credo que sequer fazia sentido para eles. Assim, até os dias de hoje, famílias são forçadas a viver em situações de abuso, cidadãos são ensinados a silenciar-se diante das injustiças dos sistemas políticos vigentes. Assim, as massas são controladas e nada estimula o mundo a se transformar.

Tudo emerge da lama

Indira: No mesmo dia em que o senhor também trouxe uma comunicação, Fátima trouxe uma que dizia assim: "Jesus se fez carne, se fez homem, para poder lhe dar a chance de também se transformar." O senhor pode falar sobre isso?

Antônio: Jesus virou lama. Essa é a resposta que tenho. E se me permitir, eu trago mais uma mensagem.

A lama nos coloca em contato com o que nos é mais primordial, simples. Nos coloca a ideia, como nesse elemento, muitas vezes sem percebermos orgânico, como é toda a transformação na criação. Mesmo quando não percebemos é nessa composição, não só organismos considerados vivos, mas organismos na composição de transformação em planetas, em tudo aquilo que nós vemos à noite. A lama é o que mais nos aproxima da Força Criadora.

Por isso que, às vezes, quando conquistamos grandes objetivos, apartamentos

luxuosos, relações mentirosas com base na ideia de beleza vigente, na ideia de status de valor vigente, nas contas bancárias riquíssimas, esquecemos que somos lama também. Por isso, muitas vezes, não por punição, mas por uma necessidade coletiva, sem percebermos de transformação, sentimos de novo aquilo que é primordial, simples, para nos lembrarmos o que temos que fazer com o apartamento luxuoso e com todas as aquisições de materiais dadas, como exemplo.

Assim como areia nas nossas mãos, assim como as estrelas no firmamento, assim como todos os seres que vivem dentro dos corpos físicos de vocês que leem esta obra, assim como todas as palavras escritas em todas as línguas, assim como todas as ideias, tudo emerge da lama.

Mas nós buscamos o que é inatingível, a flor de lótus. Nós buscamos o que é inatingível. Algumas culturas buscam tocar o intocável. Buscamos supor aquilo que não é possível compreender, mas quando temos a humildade de

entender que podemos voltar ao que é simples, primordial, nós podemos divisar com clareza as concepções que estão entranhadas em todos os pensamentos.

A busca de conforto deveria ser coletiva. A busca de amparo deveria ser propositada para todos os seres e em todos os seres. A busca de alimento, a busca de aconchego, a informação, a ciência. Enquanto pensarmos somente em nossos propósitos pessoais, nos distanciamos da lama, da lama primordial, e estamos mais próximos da lama que concebemos como algo ruim no todo coletivo.

Em um período humano onde estamos mais próximos de um novo massacre, pela impossibilidade de massacrarmos o nosso próprio ego. Quando esquecemos de olhar o outro, estamos presos em nossas próprias perspectivas. E quando olhamos o outro, nós somos lama da construção de novos seres em novos tempos, em novas realidades.

Esta fala é sobre o espaço, sobre tempo, sobre a inclusão, sobre a importância da humanidade, sobre o bem coletivo. Mesmo que não a entendeis, essa fala diz sobre a lama que temos nos olhos é a lama que entendeis como humilhação e vergonha. Mas vos trago uma nova lama, a lama que lava a sujeira que criastes pelas tuas opiniões e perspectivas mais infantis e pueris.

Comentário: Não há dúvida que a riqueza material é objetivo e oferece confortos necessários à vida humana no nosso atual sistema, mas é importante que reconheçamos o que fazer com a riqueza que nos foi dada, seja ela grande ou pequena. Se recebemos a riqueza de uma vida saudável, podemos doar nosso olhar ou nossas preces aos nossos irmãos que se encontram enfermos. Se recebemos a riqueza de tempo livre, nós podemos doar um pouco desse tempo para ajudar os irmãos que se encontram desamparados pela sociedade, por nossos

governos. Se nossa mesa é farta, que nela haja espaço para os que têm menos que nós.

Se desejamos flores em nossas vidas, é preciso plantá-las em nossos jardins, sujar nossas mãos de terra e adubo, dedicar nosso tempo a esse cuidado. Assim também, se desejamos o que concebemos como luz, como evolução, é trabalhando pelo bem coletivo, corrigindo nossas falhas, conhecendo novas ideias e permitindo que elas nos transformem repetidamente que podemos, de fato, ser lama, ser transformação como Jesus foi.

Vivemos em uma sociedade dita civilizada com selvageria. São incontáveis as guerras que não são noticiadas, as violências armadas, verbais, sociais, ambientais contra outros seres. Destruímos a vida em nome da vida. A que custo? Para que fim? O que ganhamos com nosso modo de viver atual?

Flor de lótus

Indira: O senhor fala que buscamos o inatingível, a flor de lótus, e nas culturas orientais, a flor de lótus, essa ideia de uma flor que nasce na lama, ela representa a consciência no seu estado mais puro. Para quem está na vida física, esse estado é possível almejar?

Antônio: Almejar, sim. Alcançar não. Como se encontra o que é mais puro quando se persegue o que é mais efêmero? Enquanto estivermos distraídos na concepção de evolução humana, acredito que estaremos mais distantes de perceber a unidade a qual pertencemos, da qual saímos, para onde voltamos e saímos muitas e muitas vezes.

Lama é consciência

Rosana: A lama é a mesma para todos?

Antônio: A lama é construção de entendimento, consciência. É repertório além do intelectual e de conhecimento padrão. A lama original é uma só. A lama de cada um depende de cada interpretação.

Lama como construto

Delma: Em algum momento nesse sentido de transformação, a gente poderia comparar a lama ao fogo?

Antônio: A lama que me refiro não é como fogo que pensa. Pensa num fogo, como um elemento e a lama que eu penso é como a origem de elementos. A lama como início, como meio, como uma ideia de fim inexistente. Não como um elemento, não como um elemento capaz de transformar de uma forma bruta e tal desejada ou não. Mas a lama como uma comparação para transformar com o tempo essa ideia de que as pessoas pensam que é algo ruim, sujo, um lugar que não devemos ir. E transformar essa ideia em algo que podemos ler, podemos conhecer, podemos estudar, podemos experimentar, podemos nos conhecer. E mesmo assim estaremos nos transformando. A lama como construto e não como elemento, amada irmã.

Aqui me faço

Indira: Seu Antônio, quando o senhor começou a primeira fala, o senhor trouxe uma curta frase dizendo "Aqui me faço." E me vem a imagem de um oleiro que molda o barro, a lama com as próprias mãos. O senhor pode me clarear se era esse o sentido da sua frase?

Antônio: Exatamente.

Aqui, me inspiro. Aqui estou. Aqui é só uma expressão. Aqui é quando a luz se apaga. Aqui é quando a luz se acende. Eis que aqui estou, aqui estive e aqui estarei.

Ao amor da minha Santinha, ao amor por tudo que realizei e faço com muitos outros, me despeço.

Com amor,

Antônio.

Parte 2

Louvado seja Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo.

Louvado seja esse instante, que se configura eterno não só no meu pensamento, mas no pensamento de todos aqueles que se entrecruzam nas estradas quase que infinitas nessa relação tempo-espaco. E nesse momento, pelo menos aos poucos, e aumentando a frequência vibratória daquele que se emana da mente do nosso amado irmão para que se possa depois servir como instrumento para aquele que vai trazer as mensagens derradeiras dessa obra, para ajudar muito no pensamento das pessoas.

Espero que todos os irmãos, todas as irmãs, todos vocês, tanto quanto comporte o corpo, possa sentir as energias da nossa Professora Fátima, mas também das energias dos guias espirituais. A energia dos nossos ancestrais e a energia necessária para que essa atividade ocorra, né mesmo? Rogo muito à Fátima, rogo muito a Jesus, que uma luz poderosa de amor, de

quietude encontre a cabeça de vocês, onde quer
que esteja, no lar de todos vocês.

Alúzio Fonseca

O Caos e a Lama

Sobre o pensamento de Jesus, o cordeiro; sobre o pensamento de Fátima, inicio a minha fala com mais facilidade de modulação da voz e, acredito, mais facilidade de controle energético para o trabalho que vamos realizar.

Deixo como título dessa fala: O Caos e a Lama, como fontes e manutenção da vida.

Se a transformação e o movimento são a lama necessária para o entrelaçamento e o desenvolvimento de todas as coisas que conhecemos e que ainda vamos conhecer, se estabelece um vínculo não sobre o caos e a desordem, mas o caos da fermentação, da ebulição, da transformação, de tudo que ocorre para que haja o que conhecemos como vida. É nele que emergimos e mergulhamos.

Faz-se importantíssimo compreender que não há início, meio e fim, como conheces, pois a cobra morde seu rabo². Não há a concepção de que algo ocorreu ontem, ocorreu hoje e ocorrerá amanhã. Essa é a construção humana, não a construção do mundo primeiro, que vou lhes dizer: causará espanto e chacotas. Mas trago a comparação e, dentre os conhecimentos contemporâneos das inteligências artificiais, vocês estão mais para uma simulação do que para a concepção real do que acreditam ser. Logo, a matéria não é tão matéria como se pensa. O pensamento não é tão autônomo e de escolha quanto se pensa. As alterações do que se concebe como verdade não é tão, tão, plástico, irresistível como se pensa. Logo, o que realmente se entende como mundo, é uma reestruturação da identidade pessoal que vamos compreender

2

² Aqui, Antônio referencia uma imagem conhecida como Ouroboros na mitologia grega, mas que está presente em muitas culturas. No budismo, ela representa a vida enquanto um ciclo sem início ou fim, o eterno retorno, a roda de samsara. Na Grécia, ela é nascimento, vida, morte, tempo, o infinito, a renovação.

como ego, mas o ego transcrito nas religiões antigas e não perspectiva científica atual. Quanto mais me estabelece como um ser uno, indivisível, mortal e preso às sensações e percepções físicas e das interpretações intelectuais que me chegam, eu construo uma ideia de um mundo que não mudará, porque eu não mudo nas observações.

Se meu olhar se estabelece da mesma forma através dos tempos, assim como as religiões costumam fazer, recriminar e rechaçar todos aqueles que pensam diferente do modelo ideológico e dogmático. Se não há mudanças, não há como compreender o mundo como realmente se apresenta. Se não há como mudar a percepção, o ego molda a realidade. E de tão impostas à realidade, sobrevive uma sociedade, com manipulações de ideia do que é prazer, do que é trabalho, do que é ganho pelo trabalho, do que é feito felicidade, do que é estabelecimento das relações interpessoais, do que é relação familiar. E, na obrigatoriedade de mostrar para essa sociedade o que não é real, há um vazio que não

se preenche com nada. Caos. Lama. Sofrimento de não se tocar o que não se conhece e o que não se pode imaginar, porque não há repertório científico, coletivo, supostamente armazenado para dar suporte à ideia do que vos trago nesse momento.

Sendo assim, nascemos numa mentira, continuamos nela, nessa constrição egoica e morremos com a impossibilidade de entendermos que não é um discurso sobre evolução, mas um discurso de transformação, de relevância de transformação.

A tecnologia encontra lugares que, há pouco tempo, não era possível serem vistos ou serem percebidos e compreendidos, mas nos tornamos, comparados à ideia de Darwin: macacos, primitivos. Não em atitudes primitivas, inclusive que dão lugar a uma compreensão mais profunda sobre família, sobre sobrevivência, sobre limites e sobre controle, mas primitivos na impossibilidade de olhar o interior e subjetividade

do outro e na impossibilidade de termos afetos reais.

Enquanto o outro não nos dá aquilo que precisamos para sobreviver como entidade egoica limitante, não temos interesse de dar mais tempo e oportunidade a esse outro. Mas que nós, possamos entender que, somos os planetas orbitando

E como nada se sustenta sozinho, nessa parte da criação, volta-se ao caos, à lama e ao não saber interpretar o vazio que está presente em todos nós. Uma sociedade construída para sobreviver os que estiverem no topo.

É comum que, os que são iniciados e buscam informações sobre a espiritualidade, busquem um mundo superior, calmo, inatingível, nas suas proposições e estímulos, menos estímulos grosseiros, estão protegidos disso, mas isso não é real.

O Jesus que cultuam, não é real. O Jesus que diviso, no que se concebe à ideia da rotação da terra, sempre no eixo em que a escuridão

parece cobrir parte da Terra, modula sua frequência, vai aos lugares mais sofridos. Tenta amparar, proteger e levar o máximo daqueles que sofrem ao mundo primeiro, nos locais de sofrimento e retorna à sua frequência de origem. Desta forma, o ser de hierarquia suprema que colocaram inatingível lá no céu, é céu, é inferno, é purgatório, e é todas as frequências que forem necessárias para transmitir sua ideia de paz, de concórdia, de coletivismo e de amor ágape.

Conceber a ideia de Jesus como concebiam os alemães, criando na época da Segunda Guerra igrejas nacionalistas, transformando a imagem de Jesus a uma figura germânica, é manipular a religião que se tem e condicionou como fé para se estimular o desejo de ódio, de maldade e de crueldade. E muitos daqueles que eram católicos se convertiam à igreja nacional alemã naquela ocasião para que não pudesse ser torturado e sofrido nos campos de concentração.

A palavra de Fátima em Portugal é: “as religiões morrerão e as ideias de libertação precisam estar claras para que a paz se faça e a guerra não exista”. As religiões foram tidas como meio de manipulação para o desejo de poder de guerra e destruição.

E quanto mais se aproximam os tempos em que mais mortes vêm, muitos de nós vivem como se nada tivesse ocorrendo, mas a paz, ela se divulga na manutenção do caos e da lama.

Não confundir caos e lama como os elementos de destruição, de humilhação, de vergonha como falamos em outra ocasião. Eu sou a lama! Eu sou o caos! Eu sou a brisa! Eu sou o furacão! Eu sou a morte! Eu sou a ressurreição! Eu sou o que a apazigua, eu sou o que destrói. Eu sou o que inicia, eu sou o inacabado. Eu sou inclusive você! E você sou eu!

Mas na impossibilidade de compreender porque foram dadas sempre informações empacotadas em um discernimento prático para que o mundo não pare com a moeda, com o

dinheiro, com a máquina, dá-se a ideia de que o que eu digo é irreal. Mas ouçam os que tiverem ouvidos para ouvir e vejam os que tiverem olhos de ver. E não se fala aqui das ideologias partidárias ou de enfoques unilaterais de sobrevivência e de maltratar outros humanos. Fala-se da liberdade de olhar o outro como o outro é, na sua totalidade, na sua ambiguidade, na sua polivalência.

As situações do real se dão pelo ego. A clareza dos pensamentos se dá pelo desejo de encontrar o outro, que é você, que sou eu. Concluo essa pequena fala, antes das perguntas, trazendo uma ideia muito importante na construção desse saber: não basta aceitar a transformação. O aparente caos e a lama sustentam a construção do conhecimento mais amplo. Basta desenvolver essa aceitação numa transformação de outras pessoas.

A luz se propaga sozinha, mas ela não se propaga sem outros elementos e engrenagens. Não chegará à Terra se a Terra não estiver na

órbita em sua rotação e translação em momentos adequados para que a luz seja percebida. Logo, o propagar não é simplesmente deixar que o conhecimento chegue até as pessoas sem esforço, mas que possamos entender que nós somos os planetas orbitando sob o astro do conhecimento e que no momento adequado, precisamos esclarecer aos demais, como nos esclarece agora. Sejam práticos na possibilidade de sustentarmos isso, na vida que nos foi dada no contexto atual da Terra, mas sejam sábios na possibilidade de manejar entre o que é prático e entre o que precisa ser feito para ajudar as pessoas.

Na conclusão de minha fala, me coloco à disposição para responder às perguntas que forem pertinentes ao tema.

Vemos apenas o que entendemos

Indira: Na derradeira reunião, o senhor trouxe uma fala que dizia assim: “E as luzes que veem é aquilo que está em formação, lama. E brilha e todo o resto, não podeis ver.” O senhor pode esclarecer essa fala por gentileza?

Antônio: A mente humana armazena informações sobre o ápice da compreensão daquilo que foi dado, como organizar, metodologicamente, as informações que chegam, além da impossibilidade de ver tudo o que existe no que há de escuro para vós, ainda há a impossibilidade de compreender aquilo que se vissem, diante dos olhos, atordoariam a possibilidade de compreensão de você. Darei um exemplo: acham realmente que quando chegam seres percebidos, em vossa limitada tecnologia, seres sem muitos pêlos, seres com orelhas curtas, seres com olhos maiores, seres que, diante talvez da experiência de sua gravidade, não precisam mais do tamanho que teriam anteriormente. Por

que achamos que esses seres seriam de outros lugares? Por que não entender que são daqui, mas que já alcançaram a tecnologia necessária para se transmutarem, ou deslocarem - como quiserem - para intervir, observar e ajudar em dores e eminências? Olhamos para as coisas e não compreendemos. Olhamos a luz do conhecimento e não sabemos interpretar. Por que quando as pessoas conseguem entrever algo que vai acontecer no futuro, nós, enquanto encarnados, achamos que é uma visão do que vai acontecer? E por que não ter sido alguém que viu que vai acontecer? Aquilo que não posso colocar nas mãos, não entendo como real. Mas a luz da sabedoria está lá. Falta-nos a capacidade de armazenar essas informações, de interpretá-las corretamente e de difundi-las, quando for necessário.

Comentário: Nossos cérebros entendem o que é desconhecido como uma ameaça à nossa existência, logo buscamos associar a algo que conhecemos para que aquilo ganhe sentido ou

ignorar a informação como algo que não nos será útil. Sendo assim, há ainda tanto que desconhecemos que sequer podemos imaginar e, por falta de repertório, não é possível entrever. O estudo, a leitura, assistir a vídeos ou ouvir programas de áudio, sobre os mais variados temas, pode ser um caminho para abrir nossa mente para conhecer o novo. Quanto mais sabemos sobre o mundo e sobre nós mesmos, mais teremos a conhecer.

O que é belo?

Indira: O senhor havia falado anteriormente sobre a flor. E quando me veio a ideia desse livro, ele seria um livro sobre a flor e a lama. Só que na derradeira fala, o senhor diz assim: “eu digo que ponho a mão na lama para trazeremos flores e a beleza que você acha que é belo. Eu não digo que coloco minha mão no sujo para te mostrar o limpo, mas que coloco a minha mão no que já é transformação real para te mostrar apenas o que você quer ver.” O que significa enquanto uma consciência encarnada querer ver apenas a beleza da flor?

Antônio: Vocês foram acostumados a entender, por uma lei de sobrevivência que não é muito discutida, que para se perpetuar a espécie, precisa-se de parceiros fortes, parceiras fortes, belas, bonitos, saudáveis, para que esses filhos não sucumbam, não morram no processo do nascimento e do seu desenvolvimento. Mas de onde vem essa ideia do que é belo? Por que uma

coisa é mais bela que a outra? Na mente, foi construído inicialmente por um contexto inicial ou é uma ideia inata para a perpetuação genética da espécie apenas como seres, biologicamente falando? Se for assim, é uma programação? Quem colocou essa programação na sua mente? Logo, existem questões a serem tratadas que são consideradas normais entre vós. Já que não entendeis, estou dando um exemplo da sobrevivência, mas poderia dar muitos outros exemplos do que é belo, do que é farto, do que é certo, do que é errado.

Então, quero dizer que estou colocando a mão naquilo que não entendes, se não entendes, é lama, para transformar em flor, a mais bela. Porque se for um conceito pré-formatado, pré-empacotado, encaixado do que achas ser belo, irás entender. Muitas vezes, o orador, inflamado pela retórica e eloquência, é aplaudido. E aquele mendigo que mal sabe falar diz sobre o mundo, o universo, o que, às vezes, não consegues entender, pelo teu pré-conceito. E falo você

porque falo, porque falo àquele que me ligo. E nesse pré-conceito, na impossibilidade de compreender o que eu trago eu digo: eu ponho a mão na lama do teu pré-conceito para que assim transforme, empacote em um modelo onde podes ver como belo, mas agir da forma correta. Porque eu me religo à força que se cria no outro.

Comentário: quantas vezes damos mais valor à forma que ao conteúdo? Desde a embalagem brilhante na qual vem um doce industrializado e sem o sabor e a variedade que uma simples fruta oferece, até a fala de um homem de terno e gravata em um salão bem iluminado que recebe mais atenção que a fala de Dona Maria, mulher negra, sem teto, vestindo uma roupa surrada e uma sandália com prego entre os dedos?

Ouvimos mais nossos amigos repetindo as mesmas velhas ideias com as quais já concordamos do que um estranho, fora do nosso contexto socioeconômico, nos sugerindo algo novo. Achamos feio e ruim tudo que não nos é

familiar ou comum e nos aprofundamos em uma bolha que, se não furada, nos segrega e limita.

O ego é temporário

Indira: Na outra sessão, o senhor trouxe a fala: “eu sou lama! E tu, o que ainda é?” E hoje o senhor trouxe a fala sobre o ego em um entendimento das mais antigas religiões. Nas religiões orientais, o ego é compreendido como a ideia do que somos enquanto estamos em experiência física e não a consciência, por assim falar, sobre os seres espirituais, a energia primordial que habita e que realiza essa experiência física. Eu queria que o senhor pudesse me clarear esse “ainda” de “e tu, o que ainda é?” no processo de perda do ego.

Antônio: O ego é uma identidade de compreensão humana. Ele é temporário, frágil e me dá a possibilidade de compreender e, se bem estimulado, pode levar o ser que acredita ser esse algo a olhar por outros caminhos.

O que quero dizer: que sou lama porque eu aceito a minha transformação contínua. O Antônio da última reunião não é o mesmo de

agora. E a cada mergulho em minhas lembranças e sintonias temporais, me modifico como um upgrade contínuo. Quando pergunto o que tu ainda és, é precisamente para saber se ainda estás escravizado na tua perspectiva egoica ou tens a possibilidade de tentar compreender o que ainda não é compreendido. Nós somos mudanças em todos os instantes, em todos os momentos.

Comentário: O que significaria de fato ser mudança, viver esse upgrade contínuo dentro das limitações humanas? Acredito que o passo inicial é aprender a desconstruir velhas ideias. Ao construirmos a ideia de nós mesmos, parece que algumas ideias são como pedras fundamentais – sem elas, o prédio pode cair. No entanto, se desapegamos de qualquer crença ou fato como algo eterno e entendemos que podemos continuamente transformar nossas ideias, nossa perspectiva, nossa visão de mundo e de nós mesmos, abrimos a possibilidade de, quem sabe, um dia compreender o não compreendido.

A respiração do Universo

Indira: O senhor trouxe uma fala também que dizia assim: “o universo que conheces é uma esfera que emerge e que nos engole. Uma se inicia e a outra se encerra e muitas outras formam uma constelação constante de criação, cocriação, recriação e dimensionamento.” No hinduísmo, há o conceito da respiração de Brahma e do universo como esse sopro que se expande ao máximo e depois se retrai, no sentido de que tudo que existe deixará de existir. Tudo que foi criado deverá ser desfeito. O senhor pode me clarear se é isso que o senhor quis dizer, que o senhor fala que o universo é uma esfera emerge e nos engole?

Antônio: Eu quero dizer que não há uma perspectiva linear a partir da minha percepção no mundo primeiro em tempo e nem tão estruturada como se refere ao espaço.

Quando se fala que tudo cria, tudo nasce, morre e associa a respiração, faz-se uma alusão a

um Deus ou a um ser criador. Aluizio, em alguns momentos, se refere ao termo “arquitetos”, pois somos milhares, milhares! Muitos! Conectados e unidos de tal forma que parecemos um só. Logo, a respiração seria o movimento entrelaçado pela transmissão de conhecimento, funções, tarefas e entendimentos para que se estabeleça o mundo que conhecemos. Mas não morrerá para sempre e não nascerá apenas uma vez. Mas não estarão presos à ideia de ódio e de culpa. Fátima, a minha santinha, diz: “Eis que o tempo da culpa acabou! Nasce e ressurgue o tempo da consciência.” Morre a culpa, nasce a consciência. Morre o medo, nasce a esperança. Morrem as dúvidas, nascem as certezas de continuar coletivamente. Morre o ódio pueril, avassalador e perverso e nasce o amor como flores, vindas da lama, como lamas que albergaram as sementes das mesmas flores.

O que pode não parecer claro, é justamente aí onde estão todas as questões para se compreender que a vida não é só o que é visto. Quando a importância de meditar está justamente

no desejo de buscarmos aquilo que deixamos um pouco para trás e as percepções humanas não poderão captar, mas que em transe, sob a respiração que faz a alusão à criação, podemos matar o homem velho e surgir o homem novo. Podemos matar aquilo que não está claro, colocá-lo no caos e ressurgi-lo pelo poder da meditação.

Penso que morremos e nascemos todos os dias. Penso, que somos na realidade a justa possibilidade de recriação, de refazimento, de apropriação do que já foi criado. Como o pensamento de Lavoisier em “nada se cria de novo”, nós somos também a busca de um ineditismo na criação. Se ele há, haverá na troca coletiva de conhecimento.

Comentário: O conceito da respiração do Deus Brahma, também conhecido como manvantara, parte da ideia que o mundo é criado e desfeito a cada exalação e inspiração, respectivamente, se forma contínua e tanto mesma duração. É uma alegoria utilizada para

esclarecer a ideia de que tudo que foi criado terá um fim e, a cada fim, um novo começo.

Enxergamos a ideia de fim como algo aterrorizante e permanente. Falamos de catástrofes e crises como o fim do mundo e esquecemos que o fim de uma forma de vida na Terra não implica o fim da Terra em si. Os dinossauros talvez tenham pensado que o mundo estava acabando e, na verdade, eles que estavam sendo extintos, enquanto a Terra se transformava e se preparava para criar uma outra forma de vida que talvez se extinga em breve, ou não.

Mais importante que pensarmos no fim da vida de forma coletiva, cabe a nós apenas a chance de morrer para as velhas ideias e ideais e construir em nós um novo ser, novas possibilidades, um mundo melhor. Não podemos prometer que vamos mudar o mundo inteiro, mas quem sabe transformando a nós mesmos, a realidade ao nosso redor seja alterada de alguma forma.

Somos o desejo de continuar

Indira: O senhor também trouxe a fala conectada com o que o senhor está trazendo agora, que “só há liberdade real, quando a consciência nos fala e um ser culpado não tem consciência”. Quando a consciência fala?

Antônio: Fala quando tu, mulher espancada por um homem, não aceita essa rotina à mercê de uma ideologia fraca, onde diz que teu carma deve ser aceitar o abuso, a violência, a maldade de outrem. Quando esse medo é mais forte que o desejo de recomeçar, há morte em tu, mulher. Mas quando tens consciência de que não és responsável pelo mal, não tens culpa, nem ontem, nem hoje e nem nunca, sobre a violência, a consciência transforma a ocasião. E não pelo agressor, mas pela consciência em si. E tu, haverá de ser luz, farol e emergir energia de todos aqueles que creem que o mal deve continuar e ser perpetuado. Quando o medo de tu, mulher, o teu medo, puder ser trocado pela consciência das

inúmeras violências que ainda ocorrem, nesse momento, há consciência.

E que esse exemplo que trago possa ser compartilhado e avaliado e comparado com todos os outros. Quando deixamos de ser medo, somos o desejo de continuar. Primeiro confiamos em não ter medo, pensamento da Santinha Fátima – primeiro confiamos em não ter medo, continuamos para ter consciência e compartilhamos para que a luz se faça.

Somos um

Indira: O senhor trouxe a fala assim, “quem põe a mão na lama só cumpre o que precisa ser feito para o início do que se precisa”. O senhor pode clarear?

Antônio: Quem entende o seu papel de tarefeiro, de humilde artesão, da lama que se chega do barro que se monta, sabe distinguir o seu papel em silenciar o ego, em olhar o coletivo e em se transformar fazendo algo pelo outro. Quem tem a humildade de se iniciar nas elucidações e nos pensamentos do que se encerra, do que se conclui. Todas as vezes que olhamos para a nova fase do conhecimento como janelas de uma torre, como andares da mesma torre, temos a possibilidade de os colocarmos em um papel mais amplo.

Hoje deixo de ser eu para sermos nós! É quando compreendemos que nós somos apenas um.

Comentário: O lema da Filosofia de Fátima é “nossa religião é o outro” até entendermos que não há outros. Que somos mais que conectados e interligados, mas que isso que nos une e nos aproxima é na verdade porque nossa origem é a mesma. Somos um só.

Indira: O senhor pode falar mais um pouco sobre a fala que o senhor trouxe mais cedo de que “o ego molda a realidade”?

Antônio: Imagine você em um ambiente planetário onde se construiu, diante de tantas especulações científicas, uma evolução e precisa de apenas dois olhos com a perspectiva periférica de olhar limitado. Tens uma boca e ao emitir o som, modulá-la e utilizá-la junto com a língua, junto com as cordas vocais, emites uma fala, uma linguagem. Essa mesma boca recebe o alimento que é transformado em energia e que dá a vida necessária.

Ao tocares nos objetos, sentes o frio, o liso, o calor, o áspero. Ao ouvires os sons propagados pela boca ou outros aparelhos percebes ruído, o grave, o agudo. Ao sentires o ambiente, além das percepções da pele como frequências que chegam até a glândula pineal, sentes, às vezes, tontura, sentes no deslocamento a não aceitação do momento. Esses e outros milhares de estímulos e percepções e o que você

vê no espelho de fazer a ideia de um ser, mas você não é isso.

Você ***está*** isso!

Não ***é*** isso!

E, além dessa perspectiva biológica do que compreendes ser isso, os outros te olham de uma maneira e o teu status de valor social te faz também compreender que você é, às vezes, a sua profissão, mas você está nessa profissão, você não é a profissão. Você está nesse ser, você não é esse ser. Nós construímos o ego, conforme nós percebemos nesse mundo, mas eu te digo, tu és muito mais!

Tu és o vento que toca a pessoa no Japão e a jovem risonha na Paraíba; és a chuva que acalma a mulher no Vietnã, mas que lambe os pés no mar de Recife. És também a rocha, forte e poderosa, que dela emana as grandes montanhas do Tibet, mas és a pequena pedra que foi jogada pela criança marota correndo pelas ruas do Nordeste brasileiro

Eis para mim o que é a ilusão do ego e o que podemos ser em nossa possibilidade de libertação após o corpo físico.

Comentário: E se tudo que existe for conectado? E se você puder perceber que a mesma matéria que compõe o chão no qual você pisa e ignora for a mesma que compõe as estrelas para as quais você olha e admira? E se esse corpo for feito da mesma poeira das estrelas e do chão? E se teu corpo foi moldado pelo mesmo arquiteto que moldou a Cordilheira dos Andes? E se fosse possível perceber o quão, grandiosos e pequeninos somos ao mesmo tempo?

Forma e essência

Indira: O senhor enquanto se apresenta aqui já esteve “Veludo” e agora está “Antônio”. Veludo é uma consciência conhecida pelas religiões afro-brasileiras enquanto um Exu. E hoje, o senhor falou de Jesus, sempre no eixo. O senhor pode me falar um pouco mais sobre essa conexão?

Antônio: Quando uma consciência encontra pessoas dispostas a lhe ouvir, assumimos o papel que for mais apropriado. Seja um Exu, seja uma Pomba Gira, seja uma freira, seja um aporte a outras pessoas, seja um fariseu. Há palavras, mesmo nos lugares onde as pessoas não compreendem, mas que, quando ditas, ecoam para algum tipo de compreensão [e] podemos nos apropriar para um bem comum.

Por outro lado, entendo que o Exu é uma força que está na necessidade mais primitiva do ser humano. A necessidade de sobreviver, a necessidade de se transpor de um lugar de

sofrimento, a necessidade de um imediatismo e é nesse lugar que se fala da forma que querem ouvir.

Não confundir, minha filha, forma e essência. Pode haver um cigarro, pode haver um álcool, pode haver uma voz diferente, uma dança, mas a essência do que é dito não é essa forma.

Logo, pode ser a forma de um médium em uma casa espírita, de um preto velho em uma casa de Umbanda. Pode ser a forma de um monge budista; pode ser a forma de Jesus, para religiões novas, além daquelas que se concebem entre os evangélicos e os novos cristãos e o catolicismo. Formas diferentes, a mesma essência. Cuidar do básico para que se transcenda a mente para compreender o óbvio.

Penso que Jesus, enquanto sua essência, poderia estar em qualquer lugar da Terra, mas escolheu estar em um lugar onde pudesse falar como os Exus falam: para as prostitutas, para as donas de casa, para os ricos, para os pobres, para os pescadores, para todos aqueles que queiram

lhe ouvir. Brinco na necessidade básica do peixe, do vinho e do pão, quanto do óbvio que são as palavras. As palavras em suas parábolas que deram origem a tantas interpretações. Tentaram transformar Jesus naquilo que ele nunca foi. Ele é a essência de um Exu, na forma que quiser.

Comentário: Alguém um dia disse que as religiões são como pessoas em um quarto escuro tocando uma parte de um elefante enorme e querendo dizer que aquela parte é Deus. Aqui, Antônio apresenta a ideia de que a forma pode ser diferente, mas a essência é a mesma. A intolerância religiosa, por vezes baseada em puro racismo, nos diz que alguns comportamentos não são aceitáveis em um rito religioso. Defumam suas igrejas com incensários de metal, mas não aceitam o defumador de um terreiro. Distribuem pão e álcool e consideram atrasados os ritos que envolvem bebidas alcoólicas nas religiões de matrizes africanas.

O divino está presente em toda parte e sua forma é menos importante que a essência do que é trazido.

Mentira social

Indira: O senhor hoje trouxe uma fala dizendo: “nascemos numa mentira e continuamos nela e morremos com a impossibilidade de entender”. O senhor pode clarear isso?

Antônio: A mentira que falo é da ideologia da construção social vigente. Por que tem que ser casal para separar? Deus criou a Terra na concepção religiosa. Por que nós tomamos dela do que já foi dado? Por que precisamos de construções próprias e brigamos por ela? Por que precisamos pagar tão caro enquanto encarnados – concluo nesse exemplo para facilitar – Por que precisamos pagar tão caro, casa, carro, comida, se já tem transporte que já pode ser conduzido à água, se já tem meios de comunicação que já podem ser feitos com a eletricidade vinda do sol? Por que tanta manipulação de poder, dinheiro? A essa construção de Sociedade que mantenha o mais rico, que prejudica o mais pobre?

Nós nascemos nessa mentira social. Crescemos achando que nossas conquistas estão nela, porque vivemos nela e morremos, chegando no mundo primeiro achando que somos os grandes pelos status que tínhamos na Terra, que somos aquilo que vivemos na Terra. Até nos desapropriarmos do ego, desapropriarmos da mentira e nos adaptarmos à realidade do mundo primeiro.

PERGUNTAS DE FÁTIMA

Manipular seu caos

Antônio: Responderei as perguntas da minha Santinha. Diz ela: Como é possível, na simplicidade do pensamento humano contemporâneo, compreender que podem manipular seu próprio caos, sua própria lama e continuar vivendo suas vidas cotidianas e aparentemente não mais?

Que humildemente respondo: Tudo que totaliza o pensamento humano os limita, os coloca como pedra. Seja o fanatismo religioso, o fanatismo ideológico político. Tudo o que totaliza, que fecha a mente, os impossibilita de olhar além do que é visto. Por isso trouxe antes a perspectiva da meditação, principalmente aos iniciantes, utilizando sua própria voz ou sons guturais para atingir uma frequência que saia do contexto cotidiano de cumprimento de metas e deveres imediatos. E se meditarmos duas ou três vezes na semana, temos uma saída paulatina do

contexto de compreensão do cotidiano e podemos divisar o que está dentro de nós. Olhar a angústia, olhar o caos, olhar a lama como um instrumento para moldar isso em possibilidades.

Todas as vezes que puderem, antes de dormir, orar simplesmente para aqueles que acreditam ou acender uma vela, ou mesmo se ajoelhar, sentir o cheiro dos seus incensos, é um momento de desconexão com a construção desse sistema e o início de olhar além daquilo que parece óbvio.

Para mim, acredito que assim há uma possibilidade de manipulação da lama para a transformação de uma perspectiva mais avançada.

Mudar por si

Ainda pergunta da minha amada Santinha: É possível que o ser encarnado nesta perspectiva de tempo-espaco, possa colocar verdadeiramente em prática as informações contidas, teóricas, dadas até o momento por ti?

Que respondo: Em sua ampla perspectiva, talvez não, pois retirar-se totalmente do sistema onde se encontra, onde nasceu, viveu e morrerá, em sua ampla disseminação fantasiosa, sair desse contexto de forma total é também criar um outro contexto fantasioso longe das pessoas.

Um monge no Tibet não ganha iluminação por estar longe da sociedade, mas a busca por compreender os outros, a busca por incluir os outros. A busca por me entender igual aos outros, me faz iniciar nesse trajeto para uma compreensão mais profunda do que é o resultado da manipulação do caos, da lama e do barro. E falo manipulação porque não será como a oração que pedimos a Deus, ao Cordeiro e aos seus

santos para mudar nossas vidas, mas será a participação direta dos que podem, nesse contexto de alteração. Oro para que me ajudem a mudar e não espero que mudem por mim.

Epílogo

Por fim, trago mais essa pequena mensagem. Se distanciem do que não agrega, não partilha da ideia de soberania pela individualidade dos seres, mas abracem tudo aquilo que for para a felicidade, para a transformação, para o acolhimento, para o desejo e vontade de uma sociedade mais justa, com mais equidade e livre do ódio.

Enquanto os sórdidos infantis brincam com seus jogos de guerra e armas, os sábios perdem o espaço para falar mais sobre paz. A lama e o caos não são guerra, mas o princípio do conhecimento que poderia curar e salvar e hoje ameaça explodir a vida em vários âmbitos e sentidos.

Que possamos transformar o nosso caos interno e lama, em paz. Despeço-me e agradeço pela oportunidade de falar para vocês.

O que é a Filosofia de Fátima?

A Filosofia de Fátima é uma filosofia de vida com base inter-religiosa e que se divide em dois pilares a saber:

- O estudo da filosofia;
- A prática de ações sociais.

A Filosofia de Fátima se originou na fundação do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima em junho de 2019. Sendo considerada, a primeira filosofia religiosa fundada na cidade do Rio de Janeiro.

A sede do Instituto, conhecida como a Casa de Fátima, realiza inúmeras ações sociais no bairro de Sepetiba na cidade do Rio de Janeiro.

www.casadefatima.org

Quem é o fundador da Filosofia de Fátima?

O fundador da Filosofia de Fátima é Fernando Ben, psicólogo e pesquisador científico. Dedicase na sua vida privada/religiosa, à difusão da Filosofia de Fátima e as ações sociais vinculadas à Casa de Fátima.

A fundação desta filosofia de vida baseia-se em seu campo de fé e tem como foco, o respeito entre as religiões e ao amor ao próximo.

Com esta obra, Fernando Ben doa 34 livros publicados para a Casa de Fátima. Todas as obras podem ser baixadas gratuitamente no link:

www.casadefatima.org/livros



Desenho de Fátima por: Luís Pedro de Castro – aka
Strangelfreak

Esta obra faz parte do acervo do Instituto do Estudo da Filosofia de Fátima – Casa de Fátima IEFF, cedido gentilmente pelo fundador da casa Fernando Ben, de forma gratuita.

Este livro não pode ser vendido de nenhuma forma e nem publicado em outro local sem autorização, sob LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.